

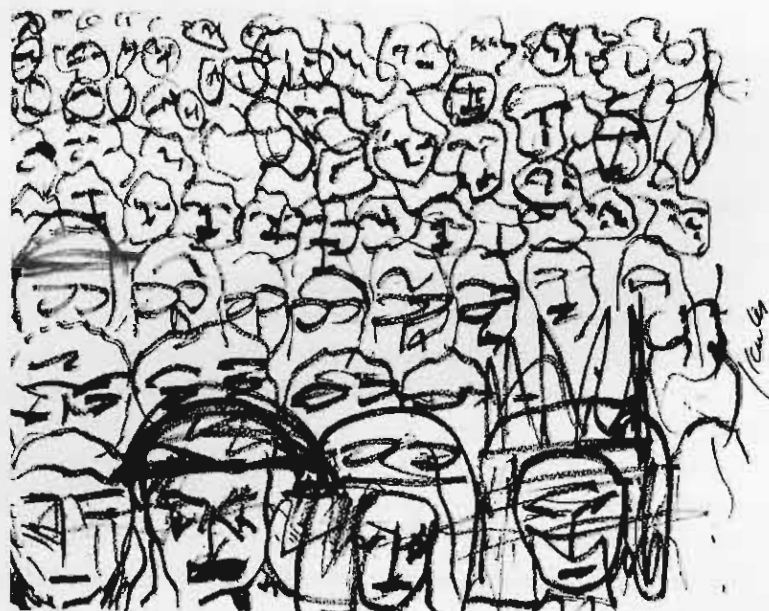
revista
de arte e
cultura
n.4 ano 3
1 9 9 5
quadrimestral

piracema

Henrique

revista
de arte e
cultura
n.4 ano 3
1 9 9 5

piracema



Piracema (do tupi *pira'sem*, 'sair peixe'). S.f. 1. Bras., Amaz. Cardume de peixes. 2. Bras., Amaz. A época em que os grandes cardumes de peixes arribam para as nascentes dos rios: "logo aos primeiros repiques da cheia, tivéramos o espetáculo das piracemas. Jaraquis, pirapitingas, pacus e curimatãs abandoam-se por essa época e, descendo dos lagos e igarapés, enfiam pelas correntes caudalosas em demanda das suas cabeceiras, onde vão talvez à procriação". (Gestão Cruls, 4 Romances, pág. 160). 3. Época de desova; curso. 4. Bras., SP. O rumor que fazem os peixes ao subir para a nascente, nessa época (...)

1995 - 1996 - 1997 - 1998 - 1999 - 2000 - 2001 - 2002 - 2003 - 2004 - 2005 - 2006 - 2007 - 2008 - 2009 - 2010 - 2011 - 2012 - 2013 - 2014 - 2015 - 2016 - 2017 - 2018 - 2019 - 2020 - 2021 - 2022 - 2023 - 2024 - 2025

sumário

O cinema em transe	4
Enquete com editores, produtores e roteiristas	
Imagens e dramas do futebol	22
João Máximo	
A fina flor do desenho de humor	30
com cartunistas brasileiros	
Gênio e autodestruição de Glauber Rocha	40
Eli Azeredo	
Do fundo da matéria	50
Ferreira Gullar	
Móvel no Brasil século XX: tradição e modernidade	62
Maria Cecília Loschiavo dos Santos	
Obras-primas de Niemeyer em exposição permanente	72
Ivan Junqueira	
Jacob, um bandolim inesquecível	81
Ermelinda A. Paz	
O múltiplo de Brecheret	88
Annateresa Fabris	
A história quase verdadeira do cinema verdade	96
José Carlos Avellar	
Quadrinhos e literatura: um olhar crítico	110
Moacy Cirne	
Cláudio Santoro, cinco anos de saudade	118
Vasco Mariz	
O campus universitário da UFRJ: um modelo de urbanismo autoritário	130
Evelyn Furquim Werneck Lima	
Música portuguesa e brasileira para cravo	144
Marcelo Fagerlande	
Notas biográficas	154
Cartas	155

JACOB, UM BANDOLIM INESQUECÍVEL

Ermelinda A. Paz

*Agora resta uma mesa na sala
e hoje ninguém mais fala no seu bandolim...*

Sérgio Bittencourt

Hoje são passados exatamente 25 anos sem Jacob, 25 anos sem a magia daquele mago do bandolim que viria a se tornar o incentivador e motivador da escolha desse instrumento por três gerações seguidas de grandes músicos.

Jacob Pick Bittencourt nasceu em 14 de fevereiro de 1918 na Maternidade-Escola da Universidade do Brasil (atual UFRJ), e deixou-nos numa sexta-feira, 13 de agosto de 1969. Filho único do farmacêutico Francisco Gomes Bittencourt, capixaba de Cachoeiro do Itapemirim, e de Rackel Pick, dona-de-casa natural de Lodz, na Polônia, sua infância transcorreu sem problemas. Coursou o primário na Escola Deodoro, no bairro da Glória, onde, segundo Jacob em sua autobiografia, ocorreu sua primeira intenção musical: tentativa de fazer uma segunda voz no canto do Hino Nacional. Por essa iniciativa foi punido com a detenção na escola até à noite. Jacob cursou a admissão na Deutsche Schülle, atual Colégio Cruzeiro, em 1929, ingressando em 1930 na British American School. Estudou ainda no Instituto Freycinet e no Instituto Brasileiro de Contabilidade, onde formou-se perito contador em 1937.

O cronista Sérgio Bittencourt relatou um fato pitoresco da vida estudantil de Jacob. Possuidor de ótima voz e de bons conhecimentos de inglês, foi escolhido pela direção do colégio para cantar o hino britânico, quando da estada do Príncipe de Gales no Rio de Janeiro. Segundo Sérgio, nesse dia ocorreu a primeira "gazeta" de seu pai, que, temeroso, não compareceu à cerimônia. Dara dessa época seu despertar para a música. Morador da Rua Joaquim Silva 97, na Lapa, ouvia sempre



1 César Faria (violino), Tico-Tico (cavaquinho), Chico (pandeiro), Carlinhos (violão) e Jacob
foto Arquivo Adylia e Helena Bittencourt



2



3

um vizinho francês, que era cego, tocar violino. Mais tarde ele diria: "Esse francês foi quem pôs em mim o sentimento musical: tocava tão bem que pedi à minha mãe um violino para mim". Ganhando o instrumento, Jacob reproduzia por audição as valsas e modinhas que sua mãe e os vendedores ambulantes de jornais cantavam. Não se adaptando ao uso do arco do violino, por ser cansativo, passou a tirar som do instrumento utilizando grampos de cabelo. Com isso, arrebatava muitas cordas. Foi então que uma amiga de sua mãe lhe explicou que havia um instrumento próprio para isso, o que motivou a compra de um bandolim, modelo europeu, na Guitarra de Prata, por 800 mil-réis.

À medida que Jacob se firmava na vida musical (1934), mais se distanciava dos estudos. O diploma obtido no Curso de Perito Contador, em 1937, não foi aproveitado. A música falava mais alto. Mas como não era na ocasião profissão de respeito, além de ser financeiramente muito incerta, Jacob passou a exercer diversas atividades outras para sua subsistência. Trabalhou nas duas farmácias do pai, foi vendedor ambulante dos mais variados produtos – de títulos de seguro a material elétrico, de papelaria, parafusos, até sabão. Realmente, o jovem Jacob não tinha nenhuma inclinação para o comércio.

No final desse decênio, Jacob conheceu aquela que lhe acompanharia por toda a vida, Adylia Freitas, jovem de uma abastada família de classe média. A família de Dona Adylia nunca aceitou muito esta união, razão pela qual não ajudava o jovem casal no duro e difícil início de vida. Foi numa família de músicos – Ernesto dos Santos, o popular compositor Donga, e Zaíra de Oliveira, cantora, dona de uma belíssima voz – que Jacob e Adylia encontraram apoio moral, afetivo e financeiro frente aos revezes da vida. A família aumentou rapidamente com o nascimento dos filhos Sérgio Freitas Birtencourt (nascido em 3/2/1941) e Elena Freitas Birtencourt (nascida em 8/4/1942).

Foi Donga quem conscientizou Jacob, fazendo com que ele compreendesse a importância de fazer o concurso público que lhe deu a estabilidade



financeira necessária para poder cuidar da família. Essa independência financeira era essencial para Jacob, pois para poder ter personalidade no meio musical era preciso não depender dele. Jacob preparou-se tanto para o concurso que logrou conquistar o 1º lugar entre os candidatos que vinham de fora e o 13º lugar no cômputo geral, incluindo, neste caso, os que já trabalhavam na Justiça. Para Jacob, ser músico não era uma profissão e, por essa razão, sempre incentivou seus colegas de conjunto a buscarem sustento e segurança num emprego público, tal e qual Donga havia feito com ele.

Como escrivão juramentado da Justiça, Jacob Bittencourt era um homem dotado de grande senso de organização. Chegava a ser disputado por outras varas cíveis, em virtude de sua competência e disciplina no trabalho. Certa ocasião, ele disse que batia na máquina de escrever o que iria tocar à noite e, pelo visto, era verdade. Exímio datilógrafo, o mais rápido de todos, seu virtuosismo extrapolava o lado musical.

O Jacob pai era de uma grandeza interior tremenda. Mas não só nos momentos difíceis ele se

revelava um paizão; o perfeccionismo, que imprimiu na sua vida profissional, deixou resquícios também no âmbito da família.

Jacob realizou sua primeira apresentação amadorística em 15/10/1933, na hora líbero-musical do Grêmio dos Estudantes Israelitas. Esta informação foi transcrita de um caderno, onde Jacob passou desde então a registrar, nos seus mínimos detalhes, todas as suas apresentações musicais. Desde essa época nota-se o germe da pesquisa fervilhando no dia-a-dia de Jacob. Suas anotações precisas são o regozijo de qualquer pesquisador e, na maioria das vezes, constituem importantes relatos de uma época.

A essas horas líbero-musicais seguiram-se várias outras, denotando já o instrumentista uma preocupação com a qualidade do que era apresentado. Sua primeira apresentação em rádio, todavia, não demorou muito a acontecer. Deu-se a 20/12/1933, na Rádio Guanabara, na "Hora do Amador Untisal". Nesta primeira fase nota-se uma total versatilidade com relação ao instrumento, ora bandolim, ora cavaquinho ou violão. Outras apresentações em rádio seguiram-se a esta,

2 César Faria, Jonas e Jacob acompanham Elizabeth Cardoso, durante uma reunião em casa de Jacob. foto Arquivo Adylla e Helena Bittencourt

3 Ricardo Cravo Albim, João da Baiana, Pixinguinha e Jacob, quando do depoimento deste no Museu da Imagem e do Som, no Rio de Janeiro. foto Arquivo Adylla e Helena Bittencourt

4 O conjunto Época de Ouro – Dino, Jonas, Gilberto, Jacob, César Farias e Carlinhos – ao se apresentar no palácio do Planalto, em Brasília. foto Arquivo Adylla e Helena Bittencourt



5



6

5 Jacob e Almirante
foto Arquivo Adylia e Helena Bittencourt

6 Jacob e o violonista Oscar Cáceres
foto Arquivo Adylia e Helena Bittencourt

fazendo com que Jacob fosse ganhando cada vez mais experiência de palco. A 27/5/1934 ele teve, então, a primeira chance importante em sua carreira musical. Convidado por Benedito Lacerda, ele participou do "Programa dos Novos" da Rádio Guanabara.

Nessa ocasião, solou o choro *Segura ele*, de Pixínguinha e Benedito Lacerda, sendo acompanhado pelo conjunto batizado por Eratóstenes Frazão, que dirigia o programa, de "Jacob e sua gente". O júri, que por unanimidade atribuiu nota máxima à apresentação, era formado por Orestes Barbosa, Eratóstenes Frazão, Alberto Manes, Maria Pamplona, Oscar Pamplona, Oscar Menezes e Sílvio Fonseca. Esse concurso contou com 28 concorrentes, tendo Jacob com seu grupo conquistado o 1º lugar e passando, desde então, a tomar parte dos programas da Rádio Guanabara, revezando com os conjuntos de Benedito Lacerda e Genre do Morro, acompanhando principiantes e músicos profissionais, muitos dos quais já consagrados. Para que se possa situar dentro do contexto da época, podem ser citados, entre outros, os nomes de Manezinho Araújo, Sílvio Vieira, Henricão e Sarita, Dupla Preto e Branco (Herivelto Marrins e Francisco Sena), Noel Rosa, J. Cascata, Zaira de Oliveira, Murilo Caldas, Leonel de Azevedo, Renato Murce, Joel e Gaúcho, Augusto Calheiros, Sílvio Pinro, Ataulfo Alves, Lamartine Babo, Carlos Galhardo, Araci de Almeida e Elizeth Cardoso.

Jacob foi se firmando no meio musical como um músico sério, muito preocupado com a preservação das nossas raízes culturais. Dessa preocupação nasceu e se cristalizou um intérprete inesquecível. Muitas composições esquecidas, e algumas que não haviam logrado sucesso na interpretação de seus autores, ganharam com Jacob uma nova roupagem, através de uma interpretação particularíssima, na qual a musicalidade eclodia a cada nota, a cada novo fraseado, com um colorido harmônico diferente que vivificava as composições. Um exemplo bem típico é o *Brejeiro*, de Ernesto Nazareth. O compositor escreveu a primeira parte da música em lá maior, parte esta que é repetida na mesma tonalidade. Na interpretação personalíssima de Jacob, essa repetição ganha um novo tratamento harmônico, pois ele a faz em lá menor. É interessante notar que essa interpretação

foi a que se norabilizou entre os chorões.

Jacob possuía um temperamento miuro explosivo e seu caráter extremamente perfeccionista, aliado a um forte sentimento de brasilidade, transformaram-no em um músico muito exigente, que não perdoava os deslizes alheios. Tudo tinha que ser necessariamente perfeito. Os programas e gravações tinham que começar na hora marcada, os músicos deviam estar preparados técnica e musicalmente, com suas partes sabidas e dominadas, seus instrumentos cuidados e afinados antes da hora, coisas que, apesar de corretas e obviamente necessárias para um bom resultado musical, raramente aconteciam. O perfeccionismo de Jacob transformou-o num homem constantemente tenso. Diga-se de passagem que ele sempre dava o exemplo daquilo que cobrava.

A sua atuação, entretanto, cristalizou-se mais através dos programas de rádio. Tocou nas mais importantes emissoras da época, começando pela Rádio Guanabara, rádio esta em que Elizeth Cardoso, levada por Jacob, seu descobridor, fez o seu *début* como cantora a 18/8/1936, no "Programa Suburbano". Nesta rádio Jacob participou, ao longo dos anos, dos mais importantes programas. Atuou ainda nas rádios Educadora, Mayrink Veiga, Transmissora (atual Rádio Globo), Clube do Brasil (atual Rádio Mundial), Fluminense, Ipanema (chamada posteriormente de Rádio Mauá) e Nacional, que era a grande emissora da época. Em todas as rádios por onde passou, ficava o rastro do profissional sério, do músico exímio, e seu extremado apreço pela preservação da nossa história musical.

Na vida musical de Jacob registram-se três importantes conjuntos musicais: Jacob e sua Gente, Jacob e o Regional da PRH-8 Rádio Ipanema e Conjunto Época de Ouro.

A chance em disco só aconteceu em outubro de 1947, na Gravadora Continental. Suas oito primeiras músicas gravadas são deste selo, onde permaneceu até junho de 1949, transferindo-se a partir de julho de 1949 para a RCA Victor. De julho de 1949 a outubro de 1950 Jacob foi acompanhado pelos músicos da Rádio Mauá. A partir de março de 1951 e durante os dez anos seguintes, os acompanhamentos de suas gravações estiveram a cargo do Regional do Canhoto. Em julho de 1961 foi lançado o LP BBL1138 *Chorinhos e*

chorões, marcando o surgimento de um novo grupo, que mais tarde seria designado Conjunto Época de Ouro, o que ocorreu a partir do LP BBL1383 – de outubro de 1967 – *Vibrações*, considerado o melhor do ano. Foi Jacob que começou a colocar as letras das músicas na capa dos discos, para facilitar o canto pelos ouvintes. Essa idéia pioneira foi seguida por muitos.

Jacob gostava muito de ensaiar. O seu Conjunto Época de Ouro ensaiava muito. Segundo Dino 7 Cordas, que tocou com ele desde o tempo do Regional do Canhoto, ele não era bravo, mas enérgico. Jacob foi dos músicos que mais propagavam a importância do estudo. Achava que se o músico lesse pelo menos cifra e estudasse bem a sua parte, o erro seria bem menos freqüente. Jacob, mesmo quando não sabia música, fazia todos os arranjos do conjunto. Ele dava idéia do que queria a cada um dos instrumentistas. Muitas vezes tomava o instrumento em suas mãos para demonstrar o que pretendia. Não se importava em ensinar, muito pelo contrário. Sua preferência era pegar um músico sem grandes conhecimentos, e também sem vícios, e, através do estudo, colocá-lo do seu jeito.

Apesar do alto nível do Conjunto, somente os esrados do Rio de Janeiro, São Paulo e a capital Brasília conheceram sua arte. Não faltavam convites, em especial para ir a Pernambuco. Jacob não gostava muito de viajar e acreditamos, também, que o avião, meio mais eficaz de locomoção, não lhe inspirava grande confiança.

Paralelamente ao trabalho como solista, Jacob participava de importantes gravações como: *Ai que saudades da Amélia* (1942), de Araulfo Alves e Mário Lago; *Marina e Lá vem a baiana* (1947), de Dorival Caymmi; com Nat King Cole em duas faixas. *Não tenho lágrimas*, de Max Bullhões e Milton de Oliveira; e *Andorinha preta*, de Breno Ferreira. Não pode ser esquecida a gravação de *Moedinha*, de Sérgio Bittencourt, em que ele tocou, juntamente com Dino, Taiguara e Orquestra, por ocasião do Festival Brasileiro da TV Excelsior (1968); e sua última participação em disco, pouco antes de sua morte: *O eterno seresteiro* (1969), de Orlando Silva.

Nas suas apresentações e gravações Jacob valorizava o choro, gênero que – preconizava – iria acabar: "Esrão faltando quintais. Choro precisa,

antes de tudo, de quintal para ser gostoso e levar a gente ao canto e à sua dança." Para que tal não acontecesse, seria preciso organizar mais conjuntos regionais e promover encontros nacionais dos chorões. Foi pensando nisso que organizou, em 1955 e 1956, "A Noite dos Choristas", na TV Record de São Paulo, que reuniu 133 instrumentistas de todas as classes sociais e culturais, de todas as idades (dos 14 aos 73 anos) em torno de um mesmo ideal – tocar e cultivar a música brasileira.

Reconhecido como grande instrumentista, Jacob logrou receber, em vida, alguns troféus importantes, como:

Melhor Solista do 1º Festival Brasileiro do Disco (1954); Melhor Solista Popular/Prêmio Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro (1961); e Melhor LP de Música Brasileira do 3º Festival do Disco de São Paulo e da Associação Brasileira de Críticos de Disco (1964).

Jacob foi aclamado publicamente em duas importantes e históricas apresentações. A primeira delas deu-se em 19/3/1967, no Teatro Casa Grande. O Club de Jazz e Bossa, tendo Ricardo Cravo Albin como diretor, outorgou a Jacob do Bandolim a Comenda da Ordem da Bossa. Visivelmente emocionado, Jacob mais de uma vez conteve o choro e, ao final da apresentação, sob os aplausos e gritos delirantes da platéia, retirou-se para trás do palco sem ter tempo de agradecer as palmas. A ovação pública levou Jacob ao seu primeiro enfarte. "Foi emoção muito grande que senti ao ser aplaudido de pé pela assistência do Casa Grande, constituída pelos jovens de hoje, que, como sempre digo, são ovelhas desgarradas. Para mim, foi uma grande felicidade ter sido aplaudido pelos cabeludos, que compreenderam naquele instante a minha arte."

A segunda vez foi o resultado de um show idealizado, preparado e dirigido artisticamente por Hermínio Bello de Carvalho para o MIS. Elizerh Cardoso iria fazer uma viagem ao Japão e Hermínio quis preparar um show de despedida, para uma ausência que acabou não acontecendo. O palco desse acontecimento foi o Teatro João Caetano, que ficou superlotado apesar da grande chuva que

caía sobre a cidade. Como resultado desse show foram realizados três discos, considerados como dos mais importantes documentos fonomecânicos da história da nossa música popular.

Entre as fases marcantes da vida artística de Jacob, assinaladas por ele mesmo, podemos selecionar algumas: o conhecimento de Pixinguinha e Benedito Lacerda; o estudo da obra de Nazareth; a passagem a solista; e a composição dos retratos de Radamés.

A amizade, o respeito e a admiração musical mútua que existia entre Jacob e Radamés Gnattali produziu uma das mais belas páginas musicais de que se tem conhecimento na história musical brasileira. Uma verdadeira síntese erudito-popular, a *Suíte retratos* é composta de quatro movimentos, onde o compositor homenageia, em cada um deles, um grande nome da música brasileira: Pixinguinha (1ª), Ernesto Nazareth (2ª), Anacleto de Medeiros (3ª) e Chiquinha Gonzaga (4ª). Composta especialmente para Jacob do Bandolim, esta suíte foi escrita na sua concepção original para bandolim, orquestra de cordas e conjunto regional.

Luperce Miranda (1904-1977) e, posteriormente, Jacob do Bandolim (1918-1969) foram os principais responsáveis pela presença do instrumento bandolim no cenário da música popular brasileira. Até então, o bandolim era usado com certa parcimônia e funcionava apenas como acompanhamento. A crescente atividade solista desses grandes músicos fez com que o bandolim saísse do ostracismo musical a que estava relegado para ganhar espaços cada vez maiores. Luperce e Jacob representavam dois estilos totalmente diferentes. A técnica de Luperce era mais voltada para o bandolim napolitano, enquanto que Jacob revolucionou o instrumento, criando uma nova maneira de tocar o bandolim, imprimindo-lhe uma sonoridade ou personalidade brasileira, como Pixinguinha fizera com a flauta. Tanto na estrutura como na forma interpretativa, Jacob ampliou os parâmetros do bandolim. Era a escola do bandolim brasileiro que surgia e se consolidava através dele. Seu modo ímpar de tocar o instru-

mento influenciou gerações e gerações de bandolinistas, que se extasiavam com a nova proposta sonora. "Outros tocam bandolim, Jacob toca Jacob" são palavras do grande maestro, compositor e arranjador Radamés Gnatalli.

Jacob foi um desses raros músicos que alcançou um nível de excelência em todos os aspectos de sua vida musical. Como pesquisador, um dos primeiros, juntamente com Almitante, legou à posteridade um arquivo precioso, que pode ser consultado como ponto de referência para o estudo da música popular instrumental. Jacob iniciou seu arquivo aos 21 anos de idade e, segundo ele próprio, o arquivo era seu mundo. À medida que o arquivo ia crescendo, Jacob foi adotando uma tecnologia mais adequada. A documentação musical, que a princípio era copiada à mão, foi substituída pela microfilmagem das partituras. Nenhuma biblioteca brasileira, nem mesmo a Biblioteca Nacional, possuía esse tipo de documentação, considerada indispensável aos estudiosos que desejassem proceder a um levantamento da história da música popular brasileira, com base em rara documentação bibliográfica, fonográfica e iconográfica.

O amor e a dedicação às peças do seu arquivo não o tornaram egoísta. Grandes músicos e pesquisadores puderam organizar seus próprios arquivos a partir dos empréstimos de Jacob. Generoso, ele procurava enviar para seus amigos o que havia de melhor. Vários foram os agraciados com as preciosas relíquias que eram produto dos saraus realizados em sua casa, contendo momentos memoráveis de genuína música brasileira. Digase de passagem, dentre os saraus de maior fama pelo prestígio dos artistas participantes e pelo alto grau de qualidade musical, que podemos citar os das casas do Pixinguinha, do Donga, do Sr. Ioiô, e os realizados na casa de Jacob do Bandolim.

Jacob criou e consolidou seu maravilhoso arquivo em trinta anos de árduo trabalho, onde muitas vezes dia e noite se confundiam. Para esse trabalho, ele contou com a colaboração inestimável e incansável de sua mulher Adyilia. Após sua



7 O bandolim em que Jacob tocou pela última vez
foto Arquivo Adyilia e
Helena Bittencourt

morte, como era seu desejo, o arquivo foi para um museu. Depois de um longo período de indecisão por parte do governo, a Companhia Souza Cruz adquiriu o acervo de Jacob e o doou ao Museu da Imagem e do Som.

O compositor Jacob do Bandolim possui em sua bagagem musical 105 títulos, dentre os quais *Noites tarraças*, *Dica de coco*, *Vibrações*, e *Santa morena*, para citar apenas alguns, que já são considerados verdadeiros clássicos, integrando o repertório básico dos bandolinistas e dos conjuntos de choro.

Grande intérprete e divulgador do choro, é a esse gênero musical de sua preferência que pertence a maioria de suas criações. Assim, para 57 choros, temos, na musicografia do grande músico brasileiro, 17 valsas, 12 sambas, seis polcas, cinco frevos, duas mazurcas, dois partidos-altos, um coquinho e um samba-canção. Apesar da riqueza melódica e harmônica de suas composições, que se revestiam de um roque clássico, sem naturalmente fugir aos padrões populares, Jacob parecia não dar muita importância a esse seu veio criativo: "Faço estas porcarias da forma mais simples, para que eu consiga tocar. Estão todas dentro da tessitura do bandolim, com armações próprias para as harmonias que fazem parte da melodia."

*Naquela mesa está faltando ele e a saudade dele
está doendo em mim.*

Sérgio Bittencourt

A saudade dele está doendo em nós.